

23 a 25 de Março de 2026 | Evento 100% Online

CONGRESSO INTERNACIONAL IDEA 2026

Inovação, Diálogo e Experiências na Aprendizagem

Educação e Humanidade: Conectando
Inteligências, Cultura e Propósito Global.



PROMOÇÃO DA MENTALIDADE EMPREENDEDORA EM CONTEXTOS DE ENSINO SUPERIOR

Ana Galvão; anagalvao@ipb.pt; Instituto Politécnico de Bragança, Portugal

Sílvia Ala; silvia.ala@ipb.pt; Instituto Politécnico de Bragança, Portugal

Marco Pinheiro; Marco.Paulo.Pinheiro@iscte-iul.pt; ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa, Portugal

Eixo Temático: Educação Empreendedora.

Modalidade: Artigo Completo

Resumo:

A educação empreendedora no ensino superior tem vindo a assumir um papel crescente na promoção de competências essenciais para enfrentar contextos profissionais caracterizados por elevada incerteza, complexidade e transformação contínua. Ao longo da última década, esta área evoluiu de um enfoque predominantemente centrado na criação de novos negócios para uma abordagem mais abrangente, orientada para o desenvolvimento da mentalidade empreendedora enquanto competência transversal. O presente artigo analisa a promoção da mentalidade empreendedora no Ensino Superior, vinculando-se ao eixo de Educação Empreendedora e aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) 4 (Educação de Qualidade) e 8 (Trabalho Decente e Crescimento Económico). O objetivo consiste em investigar as estratégias pedagógicas e os desafios institucionais para o desenvolvimento de competências empreendedoras que transcendam a mera criação de empresas. Metodologicamente, realizou-se uma revisão narrativa da literatura com abordagem qualitativa, analisando fontes científicas publicadas entre 2015 e 2025. Os resultados indicam que a educação empreendedora eficaz exige uma transição de modelos conteudistas para metodologias ativas e experienciais, integrando-se de forma transversal ao currículo. Conclui-se que o fortalecimento da mentalidade empreendedora no meio académico é essencial para dotar os estudantes de resiliência e capacidade de inovação frente às incertezas do mercado de trabalho contemporâneo.

Palavras-chave: Ensino Superior; Educação Empreendedora; Inovação Pedagógica; ODS.



Introdução

A educação empreendedora no ensino superior tem vindo a consolidar-se como um domínio estratégico de investigação e intervenção pedagógica, particularmente em contextos marcados por elevada incerteza económica, transformação tecnológica acelerada e reconfiguração das trajetórias profissionais. Nas últimas duas décadas, o debate científico evoluiu de uma perspetiva centrada predominantemente na criação de novos negócios para uma abordagem mais abrangente, orientada ao desenvolvimento da mentalidade empreendedora enquanto competência transversal aplicável a múltiplos contextos organizacionais e profissionais.

Esta mudança conceptual reflete uma transformação mais ampla na compreensão do empreendedorismo em contexto educativo. O empreendedorismo deixa de ser entendido exclusivamente como fenómeno económico e passa a ser enquadrado como um processo de desenvolvimento de disposições cognitivas, emocionais e comportamentais que permitem aos indivíduos identificar oportunidades, mobilizar recursos, lidar com a incerteza e criar valor de forma ética e sustentável. Neste sentido, a mentalidade empreendedora emerge como constructo integrador que articula criatividade, resiliência, autorregulação, pensamento crítico e capacidade de resolução de problemas complexos.

A literatura recente evidencia que abordagens pedagógicas tradicionais, centradas na transmissão de conteúdos, apresentam impacto limitado no desenvolvimento destas competências. Em contraste, metodologias ativas e experiencialmente orientadas — como aprendizagem baseada em problemas, projetos com stakeholders reais e design thinking — demonstram maior eficácia na promoção de aprendizagens profundas e transferíveis. Paralelamente, estudos de base psicológica têm sublinhado que os efeitos da educação empreendedora são mediados por mecanismos internos, como orientação empreendedora individual, agilidade e autoeficácia, sugerindo que o impacto educativo se produz sobretudo ao nível da transformação cognitiva e motivacional.

Contudo, apesar do crescimento expressivo da produção científica nesta área, persiste a necessidade de integrar de forma crítica os contributos teóricos e empíricos mais recentes, clarificando tendências, convergências e lacunas na investigação sobre educação empreendedora no ensino superior. Em particular, importa compreender como modelos pedagógicos, metodologias inovadoras e variáveis psicológicas e contextuais interagem na promoção da mentalidade empreendedora, evitando leituras reducionistas centradas exclusivamente na intenção de criação de empresas.

O presente estudo insere-se explicitamente no eixo temático da Educação Empreendedora, contribuindo para o debate sobre inovação pedagógica e reconfiguração dos ambientes de aprendizagem no ensino superior. No contexto do Congresso Internacional IDEA 2026, este trabalho propõe uma análise sistematizada da literatura publicada entre 2015 e 2025, com o objetivo de examinar como diferentes abordagens educativas promovem o desenvolvimento da mentalidade empreendedora enquanto competência estruturante para a empregabilidade e para a atuação profissional em contextos complexos.

A investigação articula-se ainda com o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 4 (Educação de Qualidade), ao enfatizar a importância de práticas pedagógicas que promovam competências relevantes e inclusivas, e com o ODS 8 (Trabalho Decente e Crescimento



Económico), ao analisar o contributo do ensino superior para a formação de profissionais capazes de inovar e gerar valor sustentável. Esta articulação não é meramente normativa, mas analítica: assume-se que a promoção da mentalidade empreendedora constitui um mecanismo educativo com implicações diretas na empregabilidade, na adaptabilidade profissional e na sustentabilidade económica.

Assim, o objetivo central deste estudo consiste em realizar uma síntese narrativa estruturada da literatura recente sobre educação empreendedora no ensino superior, organizada em quatro eixos analíticos: (i) modelos e abordagens de educação empreendedora; (ii) desenvolvimento da mentalidade empreendedora; (iii) metodologias pedagógicas inovadoras; e (iv) fatores psicológicos e contextuais associados ao empreendedorismo. Ao integrar contributos de natureza pedagógica e psicológica, pretende-se oferecer uma visão conceptual robusta que contribua para o aprofundamento teórico da área e para a fundamentação de práticas institucionais orientadas para a qualidade educativa e a inovação sustentável.

Fundamentação Teórica

A educação empreendedora no ensino superior tem vindo a afirmar-se como um domínio estratégico na formação de competências necessárias para enfrentar contextos profissionais marcados por incerteza, volatilidade e transformação estrutural. Se, numa fase inicial, esta área esteve predominantemente associada à criação de novos negócios, a investigação das últimas duas décadas evidencia uma evolução conceptual consistente: o foco desloca-se progressivamente para o desenvolvimento da mentalidade empreendedora enquanto competência transversal aplicável a múltiplos contextos profissionais (Nabi et al., 2017; Motta & Galina, 2023; Anubhav et al., 2024).

Esta transição não representa apenas uma ampliação temática, mas uma reconfiguração epistemológica do próprio conceito de empreendedorismo em educação. As revisões sistemáticas mais recentes consolidam essa mudança paradigmática. Nabi et al. (2017) demonstram que os efeitos da educação empreendedora ultrapassam a intenção empreendedora, influenciando competências cognitivas, metacognitivas e comportamentais. Motta e Galina (2023), ao analisarem a eficácia de diferentes abordagens pedagógicas, evidenciam que modelos baseados na aprendizagem experiencial produzem resultados mais consistentes no desenvolvimento de competências empreendedoras do que estratégias centradas na transmissão de conteúdos. Anubhav et al. (2024) acrescentam que a integração de ambientes híbridos e ferramentas digitais amplia o alcance e a escalabilidade dos programas, reforçando o carácter transversal e adaptativo da educação empreendedora.

Neste enquadramento, a mentalidade empreendedora emerge como constructo nuclear. Diferencia-se da intenção empreendedora por representar um sistema integrado de disposições relativamente estáveis que orientam a interpretação de oportunidades, a tomada de decisão sob incerteza e a ação inovadora. Inclui dimensões como proatividade, tolerância ao risco, criatividade, autorregulação e capacidade de adaptação dinâmica. Khalil et al. (2024) demonstram que a orientação empreendedora individual medeia a relação entre educação empreendedora e intenção empreendedora, sugerindo que o impacto educativo se produz sobretudo ao nível de mecanismos psicológicos internos. Hasan et al. (2025), ao analisarem



estudantes da Geração Z, evidenciam que a agilidade, entendida como capacidade de aprendizagem contínua e adaptação rápida, constitui elemento central na prontidão empreendedora. Estes resultados são teoricamente consistentes com a teoria social cognitiva de Bandura (1997), na medida em que reforçam o papel da autoeficácia e dos processos autorregulatórios na transição entre aprendizagem e comportamento.

A investigação empírica sugere ainda que a mentalidade empreendedora não é apenas um traço individual pré-existente, mas pode ser significativamente moldada por experiências educativas intencionalmente estruturadas. Jung e Lee (2020) demonstram que experiências académicas exercem maior influência na formação da mentalidade empreendedora do que variáveis sociodemográficas como género ou área de estudo, reforçando o papel transformador do ensino superior enquanto espaço de desenvolvimento pessoal e profissional. No plano pedagógico, esta transformação conceptual traduz-se na valorização de metodologias ativas. Linton e Klinton (2019) e Ilyas et al. (2024) destacam o design thinking como abordagem particularmente eficaz no ensino superior, sobretudo em áreas como engenharia e gestão. Ao integrar empatia, experimentação iterativa e resolução criativa de problemas, o design thinking operacionaliza princípios da aprendizagem experiencial descritos por Kolb (1984), articulando ação, reflexão e feedback. Esta coerência pedagógica permite compreender por que razão metodologias experiencialmente orientadas tendem a produzir ganhos mais robustos ao nível de competências complexas.

Contudo, a eficácia da educação empreendedora não depende exclusivamente do desenho pedagógico. Os resultados empíricos indicam que fatores individuais e contextuais modulam os seus efeitos. Hahn et al. (2020) demonstram que o contexto familiar pode atuar como variável moderadora no desenvolvimento de competências empreendedoras. Vodă e Florea (2019) evidenciam que traços de personalidade, como abertura à experiência e estabilidade emocional, influenciam intenções empreendedoras, particularmente quando articulados com experiências educativas adequadas. No contexto europeu, Zamfir et al. (2018) sublinham a resiliência como competência-chave entre diplomados do ensino superior, salientando a sua relevância em cenários económicos instáveis.

A dimensão institucional constitui igualmente variável estruturante. Gonzalez-Perez et al. (2025) demonstram que a qualidade do ensino superior, entendida em termos de inovação pedagógica, articulação com o ecossistema e padrões académicos elevados, está associada a maior propensão empreendedora entre graduados. Estes achados reforçam a necessidade de compreender a educação empreendedora numa perspetiva ecossistémica, integrando indivíduo, instituição e contexto socioeconómico.

No contexto português, os estudos desenvolvidos por Galvão e Pinheiro (2016, 2017) acrescentam um contributo relevante ao identificar traços psicológicos associados à predisposição e ao sucesso empreendedor, incluindo dimensões como pragmatismo e necessidades psicossociais específicas. Galvão et al. (2018) aprofundam esta linha ao evidenciar relações entre competências empreendedoras e traços de personalidade em recém-licenciados. Complementarmente, Galvão e Pinheiro (2019) demonstram que o *coaching* psicológico pode potenciar competências relacionais e de adaptação profissional, sugerindo que intervenções centradas na autorregulação podem funcionar como mecanismo complementar às abordagens pedagógicas.



Em síntese, a literatura indica que a educação empreendedora no ensino superior deve ser conceptualizada como um sistema multinível, no qual interagem: (i) modelos pedagógicos orientados para competências; (ii) metodologias experiencialmente estruturadas; (iii) mecanismos psicológicos individuais; e (iv) qualidade institucional e contexto socioeconómico. A mentalidade empreendedora emerge, assim, não como resultado isolado de uma intervenção curricular, mas como produto da interação dinâmica entre experiências educativas intencionalmente desenhadas e disposições psicológicas que sustentam a ação inovadora em contextos complexos.

Metodologia

A presente investigação configura-se como uma revisão narrativa com procedimentos sistematizados de busca e seleção, adotando uma abordagem qualitativa e interpretativa. Não se trata de uma revisão sistemática com protocolo pré-registado, nem visa cumprir integralmente os critérios PRISMA. Contudo, foram seguidas etapas estruturadas de identificação, triagem e elegibilidade das fontes, inspiradas nas orientações do PRISMA 2020 (Page et al., 2021), com o objetivo de assegurar transparência, rastreabilidade e rigor no processo de seleção.

Os procedimentos metodológicos foram estruturados em cinco etapas distintas:

1. **Delimitação do corpus e recorte temporal:** A pesquisa concentrou-se em publicações científicas editadas entre 2015 e 2025, de modo a investigar a evolução do debate sobre competências transversais e inovação pedagógica na última década.
2. **Bases de dados e fontes:** A recolha de dados foi efetuada através da consulta em repositórios científicos de referência, incluindo o Google Scholar, a rede RCAAP (Repositórios Científicos de Acesso Aberto de Portugal) e o Portal de Periódicos da CAPES.
3. **Estratégia de pesquisa:** Incluiu descritores com *entrepreneurship education*, *entrepreneurial mindset*, *higher education*, *experiential learning*, *design thinking*, combinados por operadores booleanos (AND/OR).
4. **CrITÉrios de seleção:** Para a composição do *corpus* analisado, utilizaram-se os seguintes critérios:
 - Artigos completos revisados por pares e teses/dissertações disponíveis em texto integral;
 - Textos redigidos nos idiomas Português e Inglês;
 - Estudos que abordassem especificamente a intersecção entre metodologias ativas e mentalidade empreendedora no Ensino Superior.
5. **Tratamento de dados:** Os materiais selecionados foram submetidos a uma análise de conteúdo temática, permitindo a identificação de categorias de análise relacionadas com desafios institucionais e estratégias de ensino-aprendizagem.

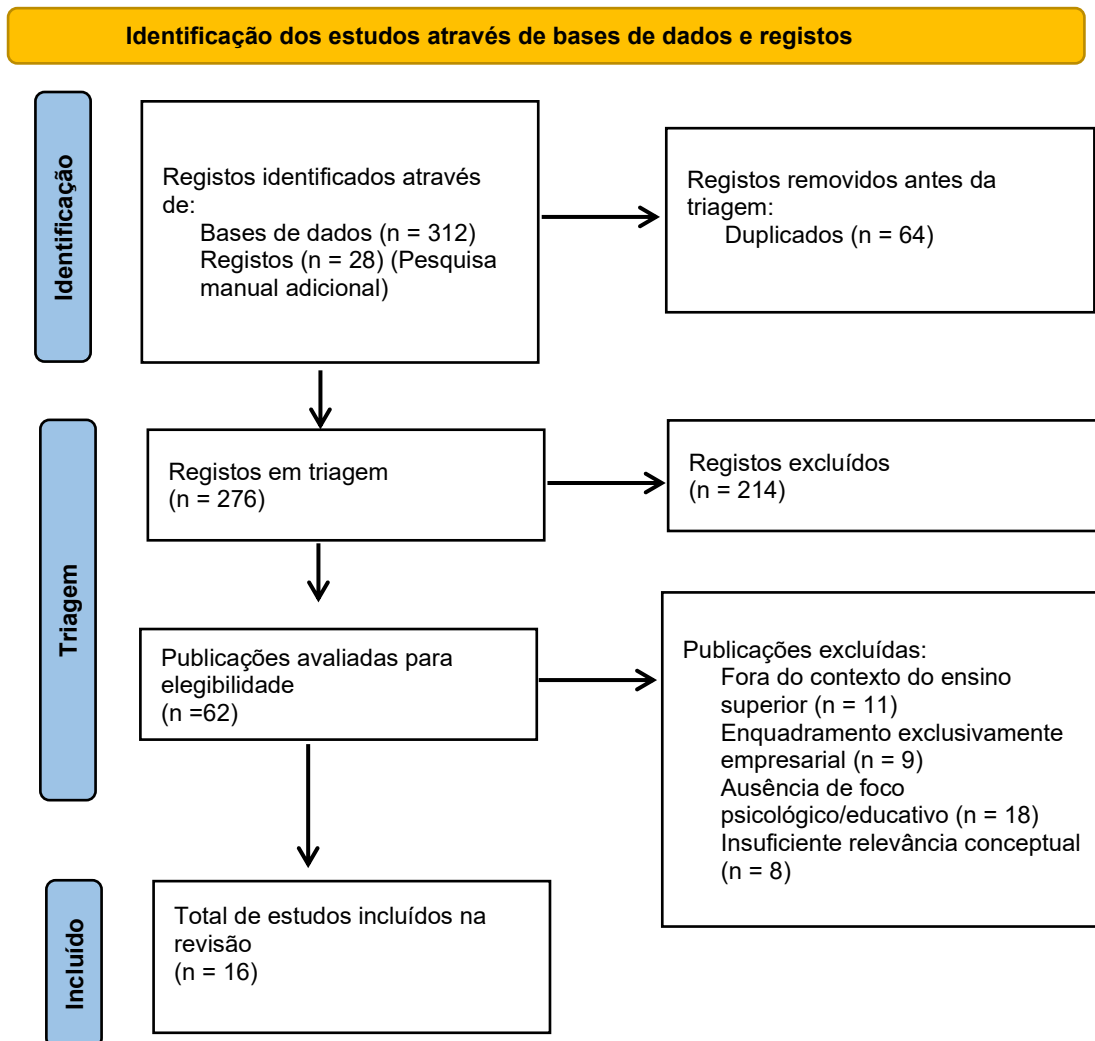


Figura 1. Diagrama de fluxo PRISMA 2020 do processo de seleção dos estudos. O diagrama apresenta as etapas de identificação, triagem, avaliação de elegibilidade e inclusão dos estudos analisados, realizadas de acordo com as orientações PRISMA 2020 (Page et al., 2021).



Tabela 1. Caracterização dos estudos incluídos na síntese narrativa (n = 16)

Autor(es) e ano	Tipo de estudo	Principais resultados
Anhubav et al. (2024)	Revisão sistemática da literatura	Evolução da educação empreendedora; integração de tecnologias; impacto no desenvolvimento de competências transversais e mentalidade empreendedora.
Hasan et al. (2025)	Estudo empírico quantitativo	Agilidade individual como mediador da prontidão empreendedora; relevância para estudantes da Geração Z.
Khalil et al. (2024)	Estudo empírico quantitativo (mediação)	Educação empreendedora influencia intenções empreendedoras via orientação empreendedora individual.
Motta & Galina (2023)	Revisão sistemática da literatura	Aprendizagem experiencial como abordagem central; eficácia de metodologias ativas no desenvolvimento de competências.
Nabi et al. (2017)	Revisão sistemática e agenda de investigação	Impacto significativo em competências e atitudes; necessidade de abordagens pedagógicas mais profundas.
Hahn et al. (2020)	Estudo empírico quantitativo	Educação empreendedora melhora competências; influência moderadora do contexto familiar.
Linton & Klinton (2019)	Estudo conceptual/aplicado	<i>Design thinking</i> promove criatividade, inovação e resolução de problemas.
Ilyas et al. (2024)	Estudo conceptual com evidência empírica	Integração do <i>design thinking</i> na engenharia reforça aprendizagem interdisciplinar e competências empreendedoras.
Jung & Lee (2020)	Estudo empírico quantitativo	Experiências educacionais impactam mais a mentalidade empreendedora do que o género ou área de estudo.
Vodă & Florea (2019)	Estudo empírico quantitativo	Traços de personalidade e educação empreendedora influenciam intenções; efeito combinado mais forte.



Autor(es) e ano	Tipo de estudo	Principais resultados
Zamfir et al. (2018)	Estudo empírico quantitativo	Resiliência como competência-chave; contributo do ensino superior para adaptação a contextos adversos.
Gonzalez-Perez et al. (2025)	Estudo empírico quantitativo	Qualidade institucional e inovação pedagógica associadas a maior propensão empreendedora.
Galvão & Pinheiro (2019)	Estudo empírico quantitativo	<i>Coaching</i> psicológico melhora competências de <i>networking</i> e adaptação profissional.
Galvão & Pinheiro (2017)	Estudo empírico quantitativo	Traços psicológicos associados ao sucesso empreendedor no contexto português.
Galvão et al. (2018)	Estudo empírico quantitativo	Relação entre competências empreendedoras e traços de personalidade em recém-licenciados.
Galvão & Pinheiro (2016)	Estudo empírico quantitativo	Características psicológicas como preditores da predisposição empreendedora.



Resultados

A presente seção apresenta os resultados e a discussão integrada da síntese narrativa realizada, organizada em torno dos quatro eixos analíticos centrais: modelos e abordagens de educação empreendedora no ensino superior; desenvolvimento da mentalidade empreendedora; metodologias pedagógicas inovadoras; e fatores psicológicos e contextuais associados ao empreendedorismo. Esta estrutura permite sistematizar e interpretar, de forma coerente, os contributos teóricos e empíricos dos estudos incluídos, evidenciando convergências, divergências e tendências emergentes na literatura da última década.

A opção por uma organização temática visa ultrapassar uma leitura meramente descritiva dos estudos analisados, promovendo uma discussão interpretativa e integrada que articula resultados empíricos com enquadramentos conceptuais consolidados. Desta forma, os resultados são apresentados não apenas como evidência isolada, mas como parte de um corpo de conhecimento em evolução, contribuindo para uma compreensão aprofundada do estado da arte da educação empreendedora no ensino superior e dos mecanismos subjacentes ao desenvolvimento da mentalidade empreendedora.

Eixo I - Modelos e abordagens de educação empreendedora no ensino superior

O conjunto de estudos indica uma evolução clara da educação empreendedora no ensino superior: de um enfoque centrado na intenção de criar negócio para uma abordagem mais ampla orientada ao desenvolvimento de competências e mentalidade empreendedora, aplicáveis em múltiplos percursos profissionais. Essa transição surge com grande consistência nas revisões (Nabi et al., 2017; Motta & Galina, 2023; Anubhav et al., 2024), que convergem em três pontos: diversidade de modelos pedagógicos; necessidade de alinhamento entre objetivos, métodos e avaliação; predominância de resultados mais robustos ao nível de competências (e não apenas intenções).

Os estudos empíricos reforçam esta orientação: a educação empreendedora aparece associada ao reforço de competências empreendedoras e de prontidão (Hahn et al., 2020; Hasan et al., 2025), e a mudanças em disposições psicológicas e comportamentais que sustentam o agir empreendedor (Khalil et al., 2024; Jung & Lee, 2020). Paralelamente, estudos de carácter mais conceptual e aplicado sugerem que abordagens como design thinking se tornaram uma “ponte” curricular que aproxima educação empreendedora de áreas como engenharia e gestão, promovendo um empreendedorismo mais transversal e orientado a problemas (Linton & Klinton, 2019; Ilyas et al., 2024).

No contexto institucional, surge evidência de que a qualidade do ensino superior (organização, inovação pedagógica, ligação ao ecossistema) pode atuar como determinante estruturante do empreendedorismo e da produção de graduados com maior propensão empreendedora (Gonzalez-Perez et al., 2025). No plano europeu, a discussão sobre resiliência e condições macrocontextuais também aparece associada ao papel do ensino superior na adaptação profissional e económica dos diplomados (Zamfir et al., 2018).

Estes resultados alinham-se com autores que defendem a educação empreendedora como desenvolvimento de competências e modos de pensar, e não apenas como instrução para “abrir empresas”. Esta visão é coerente com quadros de aprendizagem por competências e com a



ideia de que o empreendedorismo pode ser ensinado enquanto capacidade de criar valor em contextos incertos. A consistência observada nas revisões (Nabi et al., 2017; Motta & Galina, 2023; Anubhav et al., 2024) também sugere uma maturação da área, onde o desafio deixa de ser “se funciona” e passa a ser “em que condições funciona, para quem e com que mecanismos”.

Neste eixo, os estudos de Galvão e colaboradores acrescentam um ponto importante: ao introduzirem dimensões psicológicas específicas (Galvão & Pinheiro, 2016, 2017; Galvão et al., 2018), contribuem para operacionalizar a educação empreendedora como desenvolvimento de perfil e predisposições, isto é, como um processo de transformação intrapessoal e não apenas curricular. Este contributo liga-se diretamente à discussão sobre mecanismos psicológicos e contextuais, aprofundada nos eixos seguintes.

Eixo II - Desenvolvimento da mentalidade empreendedora

Os estudos apontam a mentalidade empreendedora como um outcome central e frequentemente mais estável do que a intenção empreendedora isolada. Em estudantes universitários, as experiências educativas surgem como fator determinante da mentalidade empreendedora, sobrepondo-se a variáveis como género e área de estudo (Jung & Lee, 2020). Em termos de mecanismos, a relação entre educação empreendedora e outcomes empreendedores é explicada, em parte, por constructos mediadores, como a orientação empreendedora individual (Khalil et al., 2024) e a agilidade (Hasan et al., 2025), sugerindo que a mentalidade empreendedora pode ser entendida como um “sistema” de disposições que aumentam a prontidão para agir sob incerteza.

A evidência empírica também mostra que o desenvolvimento desta mentalidade se articula com competências específicas: competências empreendedoras em sentido amplo (Hahn et al., 2020), componentes associadas à resiliência (Zamfir et al., 2018) e fatores disposicionais como traços de personalidade (Vodă & Florea, 2019). No campo da psicologia aplicada ao empreendedorismo, os estudos no contexto português identificam traços psicológicos associados ao sucesso e à predisposição empreendedora (Galvão & Pinheiro, 2016, 2017) e demonstram relações entre competências empreendedoras e traços de personalidade em recém-licenciados (Galvão et al., 2018). Complementarmente, o coaching psicológico aparece como estratégia para potenciar dimensões comportamentais da mentalidade empreendedora, como networking e adaptação (Galvão & Pinheiro, 2019).

A leitura integrada sugere que “mentalidade empreendedora” funciona como constructo-ponte entre educação e ação: não se reduz a atitude, intenção ou traço isolado, mas envolve cognição (como se interpreta oportunidade/problema), autorregulação (como se decide e persiste) e comportamento (como se testa e ajusta). Esta interpretação é compatível com teorias amplamente usadas na área para explicar transição entre intenção e comportamento, como a Teoria do Comportamento Planeado (Ajzen) e a importância da autoeficácia (Bandura). Em termos de aprendizagem, é também coerente com a ideia de que competências complexas emergem quando os estudantes têm experiências que exigem reflexão, feedback e iteração (o que liga diretamente ao eixo III).

Os estudos reforçam ainda que a mentalidade empreendedora é sensível a variáveis psicológicas e disposicionais (Vodă & Florea, 2019; Galvão & Pinheiro, 2016, 2017), mas



também é significativamente moldável por experiências educativas (Jung & Lee, 2020; Khalil et al., 2024; Hasan et al., 2025). Daí resulta uma implicação crítica: currículos que assumem “empreendedorismo” apenas como unidade teórica podem falhar em produzir os mecanismos que sustentam mentalidade (orientação, agilidade, autorregulação), ao passo que currículos experientialmente desenhados tendem a gerar ganhos mais consistentes.

Eixo III - Metodologias pedagógicas inovadoras

As revisões sistemáticas convergem num resultado-chave: metodologias ativas/experienciais são particularmente eficazes para desenvolver competências empreendedoras (Nabi et al., 2017; Motta & Galina, 2023) e, mais recentemente, a integração tecnológica e ambientes híbridos surgem como aceleradores do alcance e escalabilidade da educação empreendedora (Anubhav et al., 2024).

No plano metodológico aplicado, o design thinking destaca-se como abordagem pedagógica com forte associação à criatividade, inovação e resolução de problemas, componentes nucleares da mentalidade empreendedora (Linton & Klinton, 2019; Ilyas et al., 2024). Estes estudos sustentam que o design thinking é especialmente pertinente em contextos de engenharia e gestão, por favorecer aprendizagem interdisciplinar e orientação para a resolução de problemas reais (Ilyas et al., 2024), sendo também compatível com o desenvolvimento de competências transferíveis para múltiplas carreiras (Linton & Klinton, 2019).

Os estudos empíricos reforçam o papel de experiências educativas estruturadas para ultrapassar diferenças de base entre estudantes (Jung & Lee, 2020), e as evidências apontam que efeitos mais fortes tendem a ocorrer quando há coerência entre pedagogia, avaliação e objetivos (Nabi et al., 2017; Motta & Galina, 2023).

Este eixo encaixa de forma direta em quadros clássicos de aprendizagem: a aprendizagem experiencial (por exemplo, Kolb) ajuda a interpretar por que razão metodologias que combinam ação, reflexão e feedback promovem competências complexas. Na educação empreendedora, isso traduz-se em práticas como: projetos com stakeholders reais, aprendizagem baseada em problemas, prototipagem e iteração, e trabalho colaborativo. O design thinking, em particular, funciona como “arquitetura pedagógica” para operacionalizar criatividade e resolução de problemas complexos (Linton & Klinton, 2019; Ilyas et al., 2024). Um ponto crítico que emerge dos estudos é a necessidade de distinguir “metodologia inovadora” de “metodologia eficaz”: as revisões (Nabi et al., 2017; Motta & Galina, 2023; Anubhav et al., 2024) sugerem que eficácia depende de intencionalidade didática (objetivos claros), avaliação alinhada (medir competências, não apenas conhecimento) e tempo suficiente para desenvolver competências (não intervenções pontuais). Isto ajuda a explicar porque alguns programas mostram efeitos mistos em intenções, mas resultados mais robustos em competências e mentalidade.

Eixo IV - Fatores psicológicos e contextuais associados ao empreendedorismo

Os estudos analisados mostram que os outcomes da educação empreendedora não dependem apenas do programa, mas de fatores psicológicos e contextuais. Há evidência de que o contexto familiar pode moderar o desenvolvimento de competências empreendedoras, sugerindo que recursos, socialização e apoio moldam a eficácia da intervenção educativa



(Hahn et al., 2020). No plano institucional, a qualidade do ensino superior surge associada a maior propensão empreendedora (Gonzalez-Perez et al., 2025). Em termos macrocontextuais, a resiliência ganha destaque em diplomados europeus, sugerindo que o ambiente económico pode reforçar a relevância desta competência (Zamfir et al., 2018).

No domínio psicológico, as intenções e predisposições empreendedoras aparecem associadas a traços de personalidade (Vodă & Florea, 2019) e a traços psicológicos específicos identificados no contexto português, incluindo dimensões como pragmatismo e necessidades psicossociais que podem influenciar motivação e comportamento empreendedor (Galvão & Pinheiro, 2016, 2017). Em recém-licenciados, observa-se relação entre competências empreendedoras e traços de personalidade (Galvão et al., 2018), reforçando a importância de considerar perfis individuais. Adicionalmente, estratégias de intervenção como coaching psicológico mostram impacto em competências relacionais (networking) e adaptação (Galvão & Pinheiro, 2019), sugerindo que intervenções focadas no indivíduo podem potenciar outcomes comportamentais e de integração profissional.

Os resultados sustentam uma interpretação multicausal: educação empreendedora influencia outcomes, mas a magnitude e a forma desse efeito dependem de características individuais (traços, disposições); contextos de socialização (família); ambiente institucional (qualidade pedagógica); e contexto socioeconómico (oportunidades e pressões). Esta leitura é compatível com modelos que integram indivíduo-contexto e com a evidência de que competências empreendedoras são desenvolvidas em ecossistemas, não apenas em salas de aula.

Um contributo distintivo do conjunto de estudos de Galvão e colaboradores é sublinhar que a educação empreendedora pode beneficiar de uma camada adicional de intervenção psicológica: identificar perfis e predisposições (Galvão & Pinheiro, 2016, 2017); mapear relações entre personalidade e competências (Galvão et al., 2018); e utilizar o processo de coaching como mecanismo de desenvolvimento aplicado (Galvão & Pinheiro, 2019). Em termos de implicações, isto sugere que programas no ensino superior, sobretudo junto de finalistas e recém-licenciados, podem ter maior impacto quando combinam pedagogia experiencial com componentes de suporte psicológico e autorregulação (por exemplo, coaching orientado para objetivos e estratégias).

Apesar das convergências identificadas, a análise dos estudos incluídos revela limitações recorrentes na literatura recente. Observa-se uma predominância de desenhos transversais e medidas autorreportadas, o que limita a inferência causal entre intervenções educativas e comportamentos empreendedores sustentados ao longo do tempo. A escassez de estudos longitudinais impede avaliar a durabilidade dos efeitos da educação empreendedora após a conclusão do percurso académico.

Adicionalmente, verifica-se heterogeneidade conceptual na operacionalização da “mentalidade empreendedora”, frequentemente utilizada de forma intercambiável com intenção ou orientação empreendedora, o que dificulta a comparabilidade entre estudos. Persistem ainda lacunas na análise intercultural e na integração sistemática entre intervenções pedagógicas e abordagens psicológicas estruturadas, como o coaching aplicado em contexto curricular.

No seu conjunto, os 16 estudos indicam que a educação empreendedora no ensino superior é mais eficaz quando: assume modelos orientados para competências (Nabi et al., 2017; Motta



& Galina, 2023; Anubhav et al., 2024); desenvolve mecanismos internos como orientação empreendedora, agilidade e mentalidade empreendedora (Khalil et al., 2024; Hasan et al., 2025; Jung & Lee, 2020); utiliza metodologias inovadoras com coerência pedagógica e avaliação alinhada, com destaque para design thinking (Linton & Klinton, 2019; Ilyas et al., 2024); e considera fatores psicológicos e contextuais, incluindo personalidade, contexto familiar e qualidade institucional (Vodă & Florea, 2019; Hahn et al., 2020; Gonzalez-Perez et al., 2025; Zamfir et al., 2018), complementando com abordagens de intervenção como coaching psicológico (Galvão & Pinheiro, 2019).

Conclusão

O presente estudo teve como objetivo analisar criticamente a literatura da última década sobre a promoção da mentalidade empreendedora no ensino superior, através de uma revisão narrativa com procedimentos sistematizados, estruturada em quatro eixos analíticos: modelos e abordagens pedagógicas; desenvolvimento da mentalidade empreendedora; metodologias inovadoras; e fatores psicológicos e contextuais.

Os resultados evidenciam uma transição consistente da educação empreendedora, deslocando-se de uma abordagem centrada predominantemente na intenção de criação de negócios para um enquadramento orientado ao desenvolvimento de competências transversais e disposições psicológicas adaptativas. Esta evolução confirma que a mentalidade empreendedora constitui um outcome mais estruturante e sustentável do que a intenção empreendedora isolada, na medida em que integra cognição, autorregulação, resiliência e capacidade de agir sob incerteza.

A evidência analisada demonstra que programas eficazes são aqueles que articulam três dimensões fundamentais: (i) modelos pedagógicos orientados para competências e integrados curricularmente; (ii) metodologias experiencialmente ricas, como aprendizagem baseada em problemas e design thinking, alinhadas com objetivos e avaliação; e (iii) atenção às variáveis psicológicas e contextuais que modulam os efeitos educativos, incluindo traços disposicionais, contexto familiar e qualidade institucional.

Os resultados reforçam ainda que a educação empreendedora deve ser compreendida como um processo ecossistémico, no qual indivíduo, instituição e contexto socioeconómico interagem. A qualidade do ensino superior, a coerência pedagógica e a integração com o ecossistema envolvente surgem como determinantes estruturantes da propensão empreendedora e da consolidação da mentalidade empreendedora nos diplomados.

No plano das implicações, este estudo contribui para o eixo temático da Educação Empreendedora ao propor uma leitura integrada entre pedagogia ativa, desenvolvimento psicológico e qualidade institucional, articulando-se diretamente com o ODS 4 (Educação de Qualidade) e o ODS 8 (Trabalho Decente e Crescimento Económico). Num cenário global marcado por transformações digitais aceleradas, transição ecológica e instabilidade dos mercados de trabalho, a promoção da mentalidade empreendedora emerge como elemento estratégico para a formação de profissionais capazes de inovar, criar valor e adaptar-se a contextos complexos.

De forma propositiva, recomenda-se que as instituições de ensino superior:



- Adotem quadros internacionais de referência, como o EntreComp, para estruturar e avaliar competências empreendedoras;
- Invistam na formação pedagógica contínua do corpo docente, com foco em metodologias ativas e avaliação por competências;
- Promovam redes internacionais de colaboração e mentoria, potenciando experiências interculturais e inovação social transnacional;
- Integrem componentes de desenvolvimento psicológico e autorregulação, incluindo estratégias como coaching orientado para objetivos, particularmente junto de finalistas e recém-licenciados.

Apesar das limitações inerentes à natureza narrativa da revisão, os resultados oferecem uma base conceptual consistente para investigações futuras, nomeadamente estudos longitudinais que avaliem a sustentabilidade dos efeitos da educação empreendedora ao longo do tempo e pesquisas quantitativas que explorem os mecanismos psicológicos mediadores identificados. Em síntese, a mentalidade empreendedora não deve ser concebida como atributo exclusivo da criação empresarial, mas como competência transversal essencial à formação de cidadãos críticos, autónomos e resilientes. O ensino superior, enquanto espaço de transformação intelectual e social, assume assim um papel central na construção de ecossistemas educativos capazes de responder às exigências do século XXI.

Referências

- Ajzen, I. (1991). The theory of planned behavior. *Organizational Behavior and Human Decision Processes*, 50(2), 179–211. [https://doi.org/10.1016/0749-5978\(91\)90020-T](https://doi.org/10.1016/0749-5978(91)90020-T)
- Anubhav, K., Dwivedi, A. K., & Aashish, K. (2024). Entrepreneurship education in higher education (2002-2022): A technology-empowered systematic literature review. *The International Journal of Management Education*, 22(3), 100993. <https://doi.org/10.1016/j.ijme.2024.100993>
- Bandura, A. (1977). *Social learning theory*. Prentice Hall.
- Bandura, A. (1997). *Self-efficacy: The exercise of control*. W. H. Freeman.
- Bacigalupo, M., Kampylis, P., Punie, Y., & Van den Brande, L. (2016). *EntreComp: The entrepreneurship competence framework*. European Commission.
- Galvão, A., & Pinheiro, M. (2016). Predisposição para o empreendedorismo: As características psicológicas podem-nos dizer algo sobre os empresários portugueses? In *Atas do 3.º Congresso da Ordem dos Psicólogos Portugueses* (pp. 923–933). Ordem dos Psicólogos Portugueses.
- Galvão, A., & Pinheiro, M. (2017). Pragmatism, need for comfort and need for acceptance – Psychological traits for successful entrepreneurship in Portugal. *Journal of Tourism, Sustainability and Well-being*, 5(3), 264-277.
- Galvão, A., & Pinheiro, M. (2019). Psychological coaching as a driver of young entrepreneurs' enhanced networking capabilities. *Tourism & Management Studies*, 15(1), 81-89. <https://doi.org/10.18089/tms.2019.150107>



- Galvão, A., Pinheiro, M., & Martins, A. L. (2018). Competências empreendedoras e traços de personalidade de recém-licenciados do ensino superior politécnico. In *Os estudantes do ensino superior no séc. XXI – Livro de atas (RESAPES)*.
- Gonzalez-Perez, S., Mielgo-Álvarez, A., & Molina-López, M. M. (2025). Higher education quality as a driver of entrepreneurship. *International Journal of Quality and Service Sciences*, 17(5), 24-44. <https://doi.org/10.1108/IJQSS-10-2024-0154>
- Hahn, D., Minola, T., Bosio, G., & Cassia, L. (2020). The impact of entrepreneurship education on university students' entrepreneurial skills: A family embeddedness perspective. *Small Business Economics*, 55, 257-282. <https://doi.org/10.1007/s11187-019-00143-y>
- Hasan, M., Supatminingsih, T., Tahir, M. I. T., & Ahmad, M. I. S. (2025). Entrepreneurship education in higher education: Can we create entrepreneurial readiness through the power of agility in Generation Z students? *The International Journal of Management Education*, 23(3), 101264. <https://doi.org/10.1016/j.ijme.2025.101264>
- Ilyas, I. M., Kansikas, J., & Fayolle, A. (2024). Rethinking entrepreneurship and management education for engineering students: The appropriateness of design thinking. *The International Journal of Management Education*, 22(3), Article 101029. <https://doi.org/10.1016/j.ijme.2024.101029>
- Jung, E., & Lee, Y. (2020). College students' entrepreneurial mindset: Educational experiences override gender and major. *Sustainability*, 12(19), 8272. <https://doi.org/10.3390/su12198272>
- Khalil, H., Hashim, K. F., Rababa, M., & Atallah, S. (2024). Shaping the entrepreneurial mindset: Exploring the impact of entrepreneurship education on entrepreneurial intentions among university students in the UAE: The mediating role of individual entrepreneurial orientation. *International Journal of Educational Research*, 127, 102430. <https://doi.org/10.1016/j.ijer.2024.102430>
- Kolb, D. A. (1984). *Experiential learning: Experience as the source of learning and development*. Prentice Hall.
- Linton, G., & Klinton, M. (2019). University entrepreneurship education: A design thinking approach to learning. *Journal of Innovation and Entrepreneurship*, 8(1), 1-11. <https://doi.org/10.1186/s13731-018-0098-z>
- Motta, V. F., & Galina, S. V. R. (2023). Experiential learning in entrepreneurship education: A systematic literature review. *Teaching and Teacher Education*, 121, 103919. <https://doi.org/10.1016/j.tate.2022.103919>
- Nabi, G., Liñán, F., Fayolle, A., Krueger, N., & Walmsley, A. (2017). The impact of entrepreneurship education in higher education: A systematic review and research agenda. *Academy of Management Learning & Education*, 16(2), 277-299. <https://doi.org/10.5465/amle.2015.0026>
- Page, M. J., McKenzie, J. E., Bossuyt, P. M., Boutron, I., Hoffmann, T. C., Mulrow, C. D., Shamseer, L., Tetzlaff, J. M., Akl, E. A., Brennan, S. E., Chou, R., Glanville, J., Grimshaw, J. M., Hróbjartsson, A., Lalu, M. M., Li, T., Loder, E. W., Mayo-Wilson, E., McDonald, S., McGuinness, L. A., Stewart, L. A., Thomas, J., Tricco, A. C., Welch, V. A., Whiting, P., & Moher, D. (2021). *The PRISMA 2020 statement: An*

23 a 25 de Março de 2026 | Evento 100% Online

CONGRESSO INTERNACIONAL **IDEA 2026**

Inovação, Diálogo e Experiências na Aprendizagem

Educação e Humanidade: Conectando
Inteligências, Cultura e Propósito Global.



updated guideline for reporting systematic reviews. BMJ, 372, n71.

<https://doi.org/10.1136/bmj.n71>

Vodă, A. I., & Florea, N. (2019). Impact of personality traits and entrepreneurship education on entrepreneurial intentions of business and engineering students. *Sustainability*, 11(4), 1192. <https://doi.org/10.3390/su11041192>

Zamfir, A.-M., Mocanu, C., & Grigorescu, A. (2018). Resilient entrepreneurship among European higher education graduates. *Sustainability*, 10(8), 2594. <https://doi.org/10.3390/su10082594>